

Re(senhas)

ISSN: 3085-6434

DOI: <https://doi.org/10.71263/wdr6e273>

## Edith Stein e seu protagonismo feminino

*Francisco José de Lima<sup>1</sup>*

O homem é filho do seu tempo e por essa razão fortemente influenciado pelo contexto histórico, social e cultural no qual vive. Por isso, é muito importante sublinhar que quando nos referimos a Edith Stein e o feminismo, não se trata um capítulo a mais em sua elaboração teórica que possa ser abordado de maneira puramente abstrata.

Para entendermos é preciso situar Stein no seu contexto, tendo como fundo sua relação com sua mãe, irmãs, alunas, amizades, professores e obviamente sua relação com os pensadores da sua época. Os escritos de Edith Stein percorrem temáticas femininas por meio de

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa em Filosofia Profissional (PRO-FILO) do Instituto Federal do Sertão Pernambucano – IF Sertão PE – Campus Petrolina Zona Rural. E-mail: [franciscolimacrato@gmail.com](mailto:franciscolimacrato@gmail.com)

dados históricos, interpretações e fontes variadas, bem como possibilitam conhecer seu percurso especulativo, sua identidade feminina, sua relação com a história familiar e a história do seu povo e seu dilema na busca da “verdade” e da evolução espiritual.

A pessoa humana é o núcleo central da vida e da obra steinianas desde de seus primeiros escritos (García, 2014, p.39-40). Não por acaso a problemática antropológica é o tema que dá unidade profunda a todos os seus estudos. Por isso também, sua vida caminha lado a lado com suas investigações, e quem se encontra com a filósofa se encontra com a mulher, e vice-versa. Entender sua vida é penetrar em seu pensamento. Assim resulta que sua biografia é a melhor chave hermenêutica para adentrarmos em sua doutrina. Aceder a Edith Stein equivale a enfrentar-se com a honestidade intelectual e a coerência ética (Rojo, 2015, p.13).

Com instinto profético, Stein denunciou o terrível rosto desse sistema totalitário, quando muitos o contemplavam como o salvador de todos os males. Durante esse mesmo curso se promulgou uma lei injusta proibindo-a de exercer a docência por conta da sua condição de judia. A sociedade estava contaminando-se e o ambiente tornando-se irrespirável (García, 2014, p.42-43).

Com esta sua percepção de defesa da dignidade do ser humano, nossa autora é pioneira na reivindicação dos direitos da mulher. Um de seus livros leva precisamente este título: “*A mulher*”. Durante a República de Weimar, se filiou ao DDPPartido Democrático Alemão,

Re(senhas)

para assim poder defender melhor as reivindicações femininas. Trabalhou intensamente, sobre tudo pelo direito ao voto, o que se obteve no ano 1919; não obteve, no entanto, o mesmo êxito quanto a possibilidade de que as mulheres acessassem a cátedras universitárias (García, 2014, p.41-42).

O feminismo como fenômeno contemporâneo, nasce como um grande não a este tipo de considerações, para justificar a negação e exclusão das mulheres em sua grande contribuição para a história da humanidade (Magda, 1997, p.7). A irrupção do pensamento feminino se apresenta como uma resposta aos desafios contemporâneos. O pensamento feminino vem se apresentando como um dos possíveis caminhos para o hodierno pluralismo filosófico e cultural. (Peretti, 2013, p.28).

Segundo Peretti:

A investigação científica muito tem contribuído para mostrar a contribuição das mulheres na história do pensamento ocidental e, ao mesmo tempo, na reconstrução de sua própria história. Da antiguidade até nossos dias, muito do que foi estruturado sobre a vida e o pensamento das mulheres foi realizado por homens cuja imagem da mulher é, muitas vezes, um reflexo seu. (Peretti, 2013, p.28).

Apesar de todo progresso da investigação científica nas suas mais diversas áreas a tese da desigualdade essencial entre os sexos,

Re(senhas)

originária da Grécia clássica, recebeu formulações distintas ao longo da História (Carvalho, 2004, p.230). Isso comprova que não é fácil mudar uma mentalidade que se perpetua ao longo dos séculos. No entanto, não podemos negar passos significativos que foram e continuam sendo dados de modo especial na contemporaneidade.

O século XX ficou denominado, não sem razão, “o século das mulheres” porque, ao longo deste mesmo século, o mundo ocidental passou por uma profunda mudança em sua situação econômica, política e cultural. No entanto, muitas conquistas da primeira metade do século sofreram um retrocesso na segunda metade, após a Guerra Mundial. Durante as duas guerras, as mulheres tomaram as rendas da atividade econômica, mantendo em ativo a produção na ausência dos homens.

A presença e a inserção, cada vez más numerosa de figuras femininas, por exemplo, no campo da filosofia, possibilitou um avance na questão feminina graças a elaboração de uma antropologia atenta a pessoa em sua duplicidade de masculino e feminino. Neste contexto se situa a figura de Edith Stein, judia de nascimento e católica por eleição. Ela se presenta como mulher que deixou uma herança intelectual, não só na história da filosofia contemporânea, senão também na história do pensamento feminista, cultivada por mulheres, como ocorre em nosso tempo. A presença e participação de nossa autora nos movimentos feministas contribuem ao reconhecimento social da esfera feminina. Ela escreve em sua Autobiografia:

Re(senhas)

Depois de um ano, Edith voltou para Breslau e entrou de novo no colégio. Simpatizava então com os movimentos que lutavam pelos direitos legítimos da mulher: uma formação profissional adequada, a igualdade política e social, um trabalho realizado em condições humanas, etc. (...) Interessada vivamente pelas questões femininas se fez membro da “associação prussiana para o sufrágio das mulheres” (a meta do voto se conseguiu somente em 1918). “Sendo aluna universitária, fui uma feminista radical” (...). (Stein, 2006, 8-9).

Em Edith Stein a consciência de ser mulher é algo que lhe acompanha sempre. Desde sua adolescência toma clara consciência da discriminação que sofre o sexo feminino, será este um de seus desafios ao longo de toda a sua vida. Como jovem estudante, se implica com grupos que reivindicam a igualdade, e até se empenhará politicamente na luta pelo direito ao voto da mulher. Sofrerá em sua própria carne a discriminação quando intente aceder a uma cátedra universitária (Stein, 2002, 64).

Em 12 de outubro de 1891, Edith Stein viu a luz na então cidade prussiana de Breslau (Wroclaw, atualmente Polónia). Seu entorno familiar funde suas raízes, tradições e religião no judaísmo. E esta é sua língua referente e o selo que, de um modo ou de outro, marcará toda sua existência e sua mesma morte.

Não é possível compreender o mundo e a personalidade extraordinária de Edith Stein, “a mulher más especial e inteligente do

Re(senhas)

século XX” (B. Jiménez Duque) sem ter em conta seu semitismo, sua pertença ao povo judeu. Todo nela vem marcando desde o nascimento até a sua morte pela pertença a este magnífico povo das promessas de Yahvé (Muñoz, 2007, p.25).

Da infância de Edith e da vida familiar temos dados de primeira mão na sua “Autobiografia”, onde se narra, com riqueza de detalhes, a cotidianidade de seu lar judio. Podemos destacar duas características que começam a configurar seu carácter desde muito pequena. A medida que vai crescendo seu caráter e sua aparência se vão refinando, até adquirir uma personalidade muito atraente.

Nos primeiros anos de minha vida era como um azogue, viva, sempre em movimento, de gênio cintilante, inteligente, atrevida e intrometida (...) Ademais, indomável, voluntariosa e colérica quando algo me contrariava. (...) mas em meu interior havia, ademais, um mundo escondido. Tudo o que durante o dia via e escutava o elaborava por dentro (Stein, 2002, 204-205).

Seu projeto autobiográfico é mais do que uma simples autobiografia no sentido comum do termo. Na realidade é um indicativo de uma necessidade de levantar uma voz de protesto contra o crime da perseguição aos judeus e o crime de uma educação racista a qual a juventude alemã foi submetida. Portanto, o valor social da autobiografia de Stein representa a postura corajosa de uma pensadora

e educadora vivendo em uma época de atrocidades. E tudo isso ocorria em 1933(Rojo, 2015,42).

Seus pais, Augusta Courant e Siegfried Stein, eram de nacionalidade alemã e de religião judaica, originários de Lublinitz da Alta Selésia. Sua mãe fica viúva quando Edith não tinha ainda três anos. Seu pai, pequeno comerciante de madeira, morre inesperadamente por insolação durante uma viagem de negócios. (Stein, 2006, p.31).

Força de ânimo e solidariedade são os traços maternos que, principalmente marcam o caráter de Edith Stein. Durante sua vida, recorda e atribui um novo significado às “máximas” ensinadas pela mãe, até mesmo nos momentos de dificuldades e de grandes decisões: “Aquilo que alguém quer, consegue” e: “Se alguém se propõe alguma coisa, Deus o ajudará”. A decisiva postura ética e abertura de Edith Stein para com os outros, e sua solidariedade, também nas diversidades, é fruto da profunda experiência de relação entre mãe e filha. Edith Stein retrata, na sua autobiografia, a fotografia de sua mãe:

Embora minha mãe, por natureza, fosse generosa e prestativa com todo mundo, ela não tolerava a falta de caráter, como também a falta de sinceridade, a falta de pontualidade e a arrogância. Não suportava pessoas que só falavam de si mesmas com ares de grandeza; deixava transparecer, nessas ocasiões, sua total desaprovação. (Stein, 2018, p.28)

Edith Stein transcorre os anos de sua infância e da sua primeira juventude numa família na qual experimenta, ao mesmo tempo e, com idêntica força, a própria origem judaica e alemã e, num itinerário de pedagogia familiar, cresce sadia, sensível e inteligente.

Em 27 de Abril de 1911 dava início a sua vida universitária, depois de ter superado a crise da adolescência. Na universidade de Breslau, estuda história, filosofia, psicologia, gramática alemã, além de línguas, para as quais possuía especial talento. Se era uma exceção para uma mulher a carreira universitária, então, o que dizer da filosofia, domínio reservado aos homens? Stein participa dos movimentos feministas e intelectuais de sua época. Motiva as jovens em formação a se conscientizarem de que elas também são capazes de “pensar”, e de “fazer filosofia”.

Pensemos que a entrada da mulher na Universidade só foi possível a partir de 1901 na Alemanha. E ainda assim, quando Edith entra em 1911 na Universidade de Breslau, chamada a Universidade de Silesi de Federico-Guillermo, o número de mulheres é muito inferior ao de homens. Isso não será obstáculo para que Edith siga seu caminho, ainda que, como lhe sucederá nas aulas de psicologia, seja a única mulher presente (Stein, 2002, p.47). A Universidade será para Edith algo assim como seu novo lugar, sua “alma mater”, onde poderá realizar muitos de seus projetos e desejos que alimenta em seu interior (Stein, 2002, p.316).

Re(senhas)

Certamente a vida universitária de Edith não se reduz a seus estudos, nem a suas inquietações intelectuais. Estas se correspondem com questões existenciais nas quais se implica ativamente: defesa dos direitos da mulher, reforma pedagógica, voluntariado, etc... a “associação prussiana a favor do voto da mulher” (Stein, 2002, 23).

Nos anos de estudo em Breslavia já censurava seus colegas pela falta de sensibilidade diante dos problemas sociais. Para nossa jovem universitária não basta ter uma carreira profissional mas comprometer-se na melhoria da vida social e política. Ela mesma descreve em sua autobiografia o seu sentimento frustração em relação a falta de empatia dos colegas:

Eu ficava indignada com a indiferença que a maioria dos meus colegas ostentava diante das questões de interesse geral: uma parte deles, ao longo dos primeiros semestres, deixava-se guiar apenas por seu bel-prazer; outros, pelo desejo ansioso de adquirir os conhecimentos necessários ao exame e assim garantir para si uma melhor situação no futuro. Em razão desse forte sentimento de responsabilidade social, eu me engajei também, resolutamente, em favor do direito de voto das mulheres. Isso não era algo óbvio na época, mesmo no seio do movimento cívico das mulheres. A associação prussiana pelo direito do voto das mulheres, à qual aderi com minhas amigas visando à igualdade política plena e inteira para as mulheres, era formada majoritariamente por socialistas (Stein 2002, p.303).

Em nenhum momento se mostra distante da realidade sócio-política do seu país. Sofre com seu povo perseguido, se solidariza com todos os seus membros, e lamenta profundamente o caos que está causando Hitler a Alemanha. Edith Stein sente que não pode refugiar-se na filosofia, esquecendo o grito do sofrimento dos soldados feridos que lutavam nos campos de guerra. (Muñoz 2007, p.95).

De certa forma, a guerra contribui para a constituição de uma experiência de responsabilidade, sobretudo, com a valorização do trabalho feminino a serviço da pátria e para a abertura de novas possibilidades profissionais. Como educadora, luta pela formação feminina e participa nas lutas pelas reformas educativa.

## Referencial

CAVALCANTE, GA; FARIAS JUNIOR, JB O ensino de Filosofia e a responsabilidade - **Re (senhas)**, v. 1, n. 1, 2024. Disponível em: <https://resenhas.ojsbr.com/resenhas/article/view/2>

GARCÍA, Liberio Sanches. **Edith Stein: dignidad humana y democracia**. nueva utopía, madrid 2014.

LEÃO, A. Um Jogo Bastante Perigoso: Sobre Literatura e Filosofia - **Re (senhas)**, v. 1, n. 1, 2024. Disponível em: <https://resenhas.ojsbr.com/resenhas/article/view/8>

MUÑOZ, Florencio García. **Edith Stein, Signo de Contradicción**. San Pablo, Madrid 2007.

Re(senhas)



PERETTI, Clélia. **Perspectivas fenomenológicas e teológicas das questões de gênero em edith stein.** *kairós* - revista acadêmica da prainha ano VIII/ 2, jul/dez 2011.

ROJO, Ezequiel García. **La sencilla verdade de Edith Stein: vivir em las manos de Dios.** Espiritualidad, Madrid, 2015.

STEIN, Edith. **Estrellas Amarillas: Autobiografia: infancia y juventud.** Editorial de Espiritualidad. 2006.

STEIN, Edith. **Vida de Uma Família Judia e Outros Escritos Autobiográficos.** Paulus, São Paulo 2018.

STEIN, Edith OBRAS COMLETAS I. **Escritos autobiográficos y Cartas.** Monte Carmelo, Burgos 2002.

STEIN, Edith OBRAS COMLETAS IV. **Escritos antropológicos y pedagógicos.** Monte Carmelo, Burgos 2002.